

EDUCAÇÃO FÍSICA LIBERTADORA: CONTRIBUIÇÕES DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Ary de Camargo **SEGUI***

RESUMO

As preocupações com o sentido último da existência humana têm feito parte da nossa história. As teologias tradicionais têm associado tais preocupações à alienação das pessoas às realidades de suas vidas. O movimento chamado Teologia da Libertação surgiu como reação a essa teologia vigente, acreditando somente ser possível o desenvolvimento e realização das potencialidades históricas humanas, se esse ser humano for livre: consciente das possibilidades reais existentes e esforçar-se por realizá-las; numa sociedade também livre e participatória. A Teologia do Corpo, segmento da Teologia da Libertação, diverge da tradicional teologia do "espírito", ou desencarnada, que compreende o ser humano como sublime manifestação espiritual, apesar do corpo ou da sua corporeidade. Assim, a Educação Física somente conseguirá cumprir a sua função de organizar sistematicamente os movimentos humanos se for livre, enquanto instituição, e permitir o acesso de pessoas livres, com a intenção da mais plena realização do ser humano. A Educação Física Libertadora, proposta deste trabalho, vem a ser, então, uma contribuição para a orientação teórica do profissional em Educação Física que tenha, também, preocupações teológicas, ou com o sentido último de existência, numa perspectiva libertadora.

UNITERMOS: Religião; Teologia da libertação; Educação física.

A NECESSIDADE HUMANA DE UNIDADE

Os profissionais em Educação Física sabem, por experiência própria, que o ser humano é a matéria prima de suas preocupações e realizações. Ele é o início, meio e fim de todas as coisas. Nele estão as perguntas e respostas sobre o significado de sua existência. Iniciaremos este ensaio por ele, com a contribuição de Ferreira, (s.d.): "HOMEM: Qualquer indivíduo da espécie animal que apresenta o maior grau de complexidade na escala evolutiva; o ser humano" (p.903).

Em termos práticos, o que significa esse maior grau de complexidade na escala evolutiva? Para nós, significa ser animal com a capacidade de saber-se animalizado. Em outras palavras, o ser humano é um animal que sabe que sabe.

Outra característica que diferencia o ser humano dos demais animais, dando-lhe o maior grau de complexidade na escala evolutiva, encontra-se no nível de determinação biológica. Os animais têm suas vidas pré-determinadas biologicamente, vivendo segundo imposições instintivas. Suas dependências genéticas fazem com que os fatos sejam valores, tornando o mundo pronto, bastando vivê-lo. Há somente uma evolução: a evolução biológica. O ser humano, por outro lado, vive dois mundos dentro de si,

* Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo.

causando-lhe conflitos. Contempla aquilo que o mundo lhe coloca e, por outro lado, imagina como poderia ser esse mundo, fazendo-o diferente de todas as outras espécies da Terra. Está dividido entre o que é e o que deseja ser.

"Vivemos entre fatos e valores, e as coisas tais como são, e as coisas como poderiam ser" (Alves, 1982b, p.43).

Há, portanto, duas evoluções interpenetrando-se no ser humano: a evolução biológica (animal) e a cultural (absolutamente humana). Concordamos com Fromm (1981a) quando afirma: "a essência do homem não como uma dada qualidade ou substância, mas como uma contradição inerente à existência humana" (p.129).

E ainda, ao analisar mais profundamente essa contradição:

Essa contradição é encontrada em dois conjuntos de fatos: 1) O homem é um animal, e no entanto seu equipamento instintivo, em comparação com o de todos os outros animais, é incompleto e insuficiente para assegurar-lhe a sobrevivência a menos que produza os meios para satisfazer suas necessidades materiais e crie a fala e as ferramentas; 2) O homem possui inteligência como os outros animais, que lhe permite usar processos mentais para a consecução de objetivos imediatos e práticos; o homem, porém, tem outra qualidade mental ausente no animal. Ele se dá conta de si mesmo, de seu passado e de seu futuro, que é a morte; de sua pequenez e impotência; tem consciência dos outros como os outros - como amigos, inimigos ou estranhos. O homem transcende toda outra forma de vida porque é, pela primeira vez, vida consciente de si mesma (Fromm, 1981a, p. 129-30).

As evoluções biológica e cultural interpenetrando-se numa relação de conflitos, sujeita o ser humano a certas leis. Essas leis são, da mesma ordem, de origem biológica e cultural. Criam necessidades. À medida que determinado indivíduo e, conseqüentemente, sua sociedade melhor satisfaz as necessidades impostas por essas leis, dizemos que houve desenvolvimento (Bunge, 1980). Portanto, a evolução humana acontece numa perspectiva desenvolvimentista à medida que o ser humano satisfaz suas necessidades, onde o meio de satisfação destas é nas relações sociais.

Ao lado dessa contradição inerente à experiência humana, há a idéia de que deve haver em algum lugar e/ou tempo a possibilidade da concretização real da união dessa contradição e que deve haver também uma sociedade ou homem em algum lugar ou época determináveis historicamente, onde e quando tais contradições desaparecerão. Esse momento poderá acontecer na Terra ou não; durante as nossas vidas ou depois delas.

A idéia da possibilidade da concretização real da unidade na percepção da contradição inerente à natureza humana experienciada, faz surgir a necessidade de ordem, de compreender esse mundo numa idéia unificadora, como a si mesmo. Construímos modelos integradores dessa percepção caótica do mundo: construção ideal de teorias. Essas teorias devem ser capazes de explicar a desordem do mundo no qual esse ser humano faz parte, e propor condições para que tal desordem se organize. O problema é o fato, o dado etc, que é capaz de colocar em dúvida a eficiência do modelo. Cria a possibilidade da quebra da ordem estabelecida pelo modelo.

Assim, sem teoria, sem modelo, não há problema. Somente surge a percepção dos problemas quando há modelos e a observação da natureza, das coisas, no sentido de compreendê-las melhor, ordenando-as. Nesse sentido, a busca de unidade diante da contradição experiencial humana efetiva-se na construção ou re-ordenação de teorias explicativas capazes de resolver problemas percebidos.

MECANISMO DE PODER INSTITUCIONAL

Desde que o homem se deu conta de sua vida, relaciona-se com outros semelhantes a fim de organizar sistematicamente tal existência. Cria as instituições. As instituições, portanto, são os mecanismos culturais que nos são dados a fim de efetivar os nossos objetivos desenvolvimentistas de satisfação das necessidades.

Em outras palavras, por instituições entendemos como organizações humanas ou grupos sociais com finalidades de atuação mais efetivamente beneficiadoras a este e/ou outros grupos, reconhecidos nas sociedades onde tais grupos estão inseridos (portanto, têm legitimidade social), atuando, de maneira reconhecida através de objeto determinado, procurando interagir com a cultura, numa práxis, aproveitando-se dos conhecimentos transmitidos por aqueles que tinham semelhantes maneiras de perceber sua cultura (ideologias), recuperando hermeneuticamente tais atitudes, procurando ajudar o homem na sua caminhada histórica, no sentido de seu desenvolvimento.

Ao se tornarem complexas tais organizações institucionais, dificultando as participações individuais diretamente nas decisões e destinos de determinado agrupamento humano, surge o grupo representativo. Esse grupo pode (tem o poder) decidir por todos os demais elementos-componentes. Por outro lado, todos os componentes desse agrupamento, pelos mais diversos mecanismos, reconhecem a legitimidade do grupo para liderá-los nas decisões mais variadas. Está traçada a relação de poder.

Está implícito que pessoas ao ocuparem posições de poder, têm o dever moral para com aquelas ligadas institucionalmente a esse poder, de procurar, da melhor maneira possível, satisfazer as necessidades daqueles que estão ligados a essa instituição, na medida do alcance das ações dessa mesma instituição, através dos meios e recursos institucionais nas relações culturais.

Não precisamos ir muito longe para verificar que entre as intenções e as ações há profundo abismo, aparentemente intransponível. Podemos verificar que, de maneira geral, pessoas ao ocuparem posições de poder, agem segundo alguns critérios:

1. Exploram, direta ou indiretamente, a grande maioria das pessoas que lhes estão sujeitas.
2. Seus interesses de manter-se no poder, ou de certa situação que os privilegiam, estão acima dos interesses da grande maioria das pessoas que lhes estão sujeitas.
3. Utilizam-se de táticas repressivas para a manutenção do status quo, conseqüentemente, de sua privilegiada situação.
4. Criam mecanismos que visam:
 - a) mascarar sua opressão sobre as pessoas;
 - b) romper as relações humanas.

Esses mecanismos vêm acompanhados da produção de "idéias" que se distanciam da realidade, a fim de causar determinados "ideais" nas pessoas, favorecendo o poder. Chamamos a isso de ideologias.

De outra forma, a ideologia pode ser analisada de duas maneiras: no sentido positivo e no negativo. No sentido positivo diz-se do conjunto de idéias que permeiam certo indivíduo e, por sua vez, sua comunidade, não necessariamente verdadeiras, tratando da realidade ou parte dela. No sentido negativo, dizemos que são as idéias difundidas pelas classes dominantes entre as classes dominadas, procurando fazer "vingar" determinadas visões da realidade que favoreçam a manutenção da dominação.

Por classes dominantes entendemos os grupos de pessoas que, organizadas, têm poder e os meios de tomar decisões que alteram os destinos daqueles que são seus dominados (classes dominadas).

Portanto, na exploração da grande maioria das pessoas, a fim de manter-se no poder ou situação privilegiada, essa classe dominante cria mecanismos - táticas repressivas para a manutenção do status quo - que visam mascarar essa exploração, tal como romper as relações humanas.

Romper as relações humanas significa separar o ser humano de si mesmo, dos outros e da natureza. O ser humano separado de si mesmo acaba por alienar-se de si mesmo. Não reconhece sua corporeidade como sendo sua. É afastado da possibilidade de conscientizar-se dela, embora morando nesse corpo. Rompido em suas relações sociais acaba morando em um corpo que não é seu, de fato, mas em um corpo dado para ser habitado. Afastado dos outros, significa emigrar o ser humano da sociedade e da historicidade. Individualizá-lo em um "si" que não é ele e não sabe disso. Finalmente, distanciar o ser humano da natureza, leva-o a percebê-la distante de si mesmo. O processo de destruição da natureza que estamos vivendo comprova essa alienação.

A história tem mostrado que assim tem sido. Através de seus mecanismos ideológicos, as instituições atuam na imposição dos modelos, que também serão "ideológicos", propagando a não liberdade daqueles aos quais tais intenções desejam alcançar. Os modelos são impostos, assim como as técnicas e os meios de execução desses modelos. Na dialética indivíduo-sociedade, as instituições, ao invés de propiciarem esse diálogo no sentido da libertação do ser humano na sociedade, historicamente, têm feito o monólogo do modelo que nesta dialética deve ser tratado.

O viver pode ser comparado ao jogo, ou melhor, ao ato de jogar (Huizinga, 1950). As instituições têm, originalmente, a finalidade de ajudar o homem a jogar nas suas relações sociais; a refletir sobre esse ato de jogar, assim como, oferecer-lhe as mais variadas alternativas possíveis sobre a questão do jogo na caminhada histórica do jogo na sua cultura, assim como em tantas outras que interessarem aos que vão participar do jogo.

Acontece que, na história, algumas pessoas que têm a possibilidade de determinar e manipular as informações possíveis a respeito do jogo, informam, apenas, o jogo ou jogos (para os mais democráticos) que deverão ser jogados, visando benefícios próprios nas relações sociais.

Portanto, cabe ao ser humano suspeitar de todos os modelos que estão nas suas relações sociais. Duvidar de todos eles, como fantasmas em sua própria casa. Conscientizar-se da necessidade de criar ou aceitar os modelos que melhor correspondam aos resultados das observações feitas nas suas relações. Estudar todas as formas possíveis de estratégias para a concretização do modelo resultante; ficar atento à realidade dessas/nessas relações sociais para verificar a confirmação ou não dos modelos. Assim sucessivamente até o final... se houver final... Se possível, informar outros sobre esses resultados a fim de ajudar aos interessados para que venham a encontrar, talvez, com mais facilidade, os modelos adequados para suas vidas na sociedade.

Concluindo, dizemos:

É mister ao homem voltar para sua casa; conhecê-la, arrumá-la e conservá-la limpa, sem perder a perspectiva dialética contextualizada. Depois disso, então, procurar fazer dela um Templo.

Para o ser humano voltar para sua casa é necessário, primeiramente, perceber-se distante dela. É o reconhecimento humano de estar separado de sua casa, de si mesmo, de sua corporeidade. Não de seu corpo, propriamente, mas da possibilidade da plena consciência de sua corporeidade.

Ao perceber-se distante de casa, o ser humano percebe-se, também, distante de todas as outras casas e que mora numa casa que não existe, inventada para ele morar e viver de acordo com as vontades dos proprietários dessas e de tantas outras ilusões arquitetônicas.

Onde estará sua verdadeira casa? Inicia-se a busca. A procura de si mesmo, de sua corporeidade perdida. São muitos os caminhos que levam às mais diferentes casas nos mais variados lugares. Qual desses caminhos poderá levá-lo à sua verdadeira casa?

Que tal informar-se? Informar-se com aqueles que estiveram em situações semelhantes no decorrer de suas vidas ou nas vidas de pessoas próximas. É pouco provável que em toda a história da humanidade não tenha havido alguém com problema semelhante e que não tenha procurado informar sobre suas experiências. Por outro lado, é provável encontrar alguém que esteja disposto e em condições de informar... Informar sobre possíveis caminhos e maneiras de vir a encontrar sua casa. De qualquer forma, o ser humano deve encontrar sua própria casa; ninguém poderá fazê-lo por ele.

Os informantes são as instituições, ou, pelo menos, deveriam ser.

Descoberto o caminho e o modo de percorrê-lo, agora é o momento de "caminhar"...

A INSTITUIÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física é a denominação dada à institucionalização de certo fenômeno social. Histórica e tradicionalmente esteve associada à educação, evidente em seu nome. A educação entendida por nós, hoje, vem da Grécia e Roma. Significava na cultura grega o "saber que busca o Homem livre e

seu pleno desenvolvimento e uma plena participação na vida da pólis, é o próprio ideal da cultura grega e é o que ali se tinha em mente quando se pensava em educação" (Brandão, 1983, p. 37).

A educação grega, portanto, considerava o ser humano como ser inacabado. Reconhecia a necessidade de desenvolvê-lo, aprontá-lo a fim de que alcance a mais completa possível projeção para fora de si de todo o seu potencial individual e social em duas perspectivas: a primeira, preparando o Homem para o trabalho e, a segunda, para a vida, para a *pólis*. Ou ainda:

TECHNE: O saber que ensina o como - normas de trabalho;

TEORIA: O saber para a vida, cujo modelo é o Homem livre da sociedade grega - normas para a vida.

A educação romana divergia em alguns aspectos da grega, que consideramos importante salientar. A educação (*educere*: "extrair", "tirar", "desenvolver") romana deu-se fundamentalmente através da família, seguida pelo estado, quando terminada a tarefa familiar de educar.

Física por conseguinte, vem do grego *physis*.

"*Physis* (...) evoca o que sai ou brota de dentro de si mesmo (por exemplo, o brotar de uma rosa), o desabrochar, que se abre, e que nesse despregar-se se manifesta e nele se retém e permanece; em síntese, o vigor dominante (Walten) daquilo, que brota e permanece" (Heidegger, 1966, p. 52).

Analisando esta definição de *physis* de Heidegger, notamos que tem característica fundamentalmente biológica, ou seja, desenvolver aquilo que está biologicamente inato no indivíduo, de tal forma que esse desenvolvimento dê frutos (flores) de maneira que esse processo seja irreversível. Podemos traduzir tal desabrochar desse vigor dominante, com o pleno desenvolvimento das potencialidades do indivíduo, a partir de seu corpo, de seu vigor dominante, para que esse abrir-se do corpo brote de maneira permanente, irreversível, e seja tão belo como botão de rosa a encher o mundo de beleza e perfume.

À *physis*, originalmente, eram-lhe impostas algumas limitações: restringia-se ao Homem e opunha-se à *techne*. Portanto, a *physis* contrastava com o saber técnico, ao como, ao método, por outro lado, identificava-se à *teoria*, ao saber para a vida.

A educação da *physis*, a Educação Física, viria a ser, em seu sentido original, o desenvolvimento das potencialidades do Homem para a vida, preparando-o para o trabalho e para a vida em sociedade, através do "sair para fora" de suas qualidades inatas de maneira que brote e permaneça assim.

Na tradução latina *natura*, significando nascer, nascimento, a restrição da *physis* ao ser humano deixa de ter sentido. A *natura* passou a estar associada à natureza e o ser humano fazendo parte dela. Sob muitas influências, dentre elas a platônica, fundamentalmente, houve nova alteração em seu sentido primário. A matéria da natureza diferia de sua idéia. A física, portanto, passou a relacionar-se à matéria da natureza e não à sua idéia. Da mesma forma, a física veio a corresponder-se com a matéria humana - o corpo - independente da idéia desse corpo - a alma, o espírito. A partir de então, a física associou-se ao corpo dicotomizado, partido, e não àquele que contém o vigor dominante necessário para que o ser humano como em um todo brote, frutifique e floresça de maneira permanente. Deixou de ser a educação que preparava o ser humano para a vida, cujo modelo é o homem livre da sociedade grega (*teoria*), mas ao saber que ensina o como, as normas de trabalho - a *techne* - a técnica". Em outras palavras, o físico deixou de ser o receptáculo de algum germe em potencial que possibilite o ser humano a desenvolver-se, transformando-se individualmente, assim como à toda sociedade, e sendo transformado por esta. O físico tornou-se o instrumento da intenção, da idéia; a técnica, o meio de desenvolvimento da alma e assim por diante.

Tem havido certo movimento no sentido de mudar o nome dessa instituição, Educação Física, tendo-se em vista as distorções filológicas históricas ocorridas (como já fizemos algumas considerações) e sua restrição à educação. Na tentativa de conceituá-la, buscando delimitar-lhe seu objeto de estudo, caracterizando-a, entenderemos, neste texto, como a instituição que estuda os movimentos humanos.

AS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS CRISTÃS

Há diferentes raízes latinas para a palavra religião. A mais antiga vem de *relegere*, "retomar o que tinha sido abandonado", "tornar a ver". Outra, *religare*, significa "ligar", "apertar", "atar". E, finalmente, *religio*, que significa, muitas vezes o mesmo que *obligatio*, "fidelidade ao dever", "lealdade", "consciência do dever", "escrúpulo religioso", "ação de prender-se", "de se ligar", "obrigação religiosa", "práticas religiosas". Autores mais modernos têm preferido a raiz latina *religare*. Neste artigo, religião significa o desejo de unidade diante da constatação humana de sua contradição inerente à sua existência. A experiência religiosa traduz a concretização dessa unidade desejada na vida daquele que a busca, ou não.

Enquanto modelo, Deus representa a idéia de unidade para os conflitos existenciais que se referem ao significado dessa mesma existência. Podemos dizer que Deus significa a concretização simbólica da superação da contradição inerente à experiência humana, no que se refere ao sentido último de sua existência.

Na opinião bíblica (particularmente do Antigo Testamento) e na tradição judaica posterior, por exemplo, Deus não é tudo aquilo que existe. Qualquer tentativa de definir Deus é fazer abstração. O tema central do Antigo Testamento é a idolatria, portanto, qualquer tentativa de definir Deus significa idolatrá-lo, equipará-lo a valores humanos. Portanto, Deus não pode ser cognominado. O modelo humano de Deus para a compreensão de suas experiências, segundo essas evidências, é o "negativo" da realidade experimental humana; é tudo aquilo que não é. Deus é a negativa; é a antítese na dialética existencial humana, onde a tese é o fenômeno. Pode ser comparado ao filme fotográfico depois de revelado - não é fotografia. A fotografia é produzida a partir do negativo e não o contrário. Ao mesmo tempo definir o negativo pela fotografia, significa dizer que não é o que se tem na fotografia, é seu contrário, que lhe deu origem.

A teologia, tão antiga quanto a religião é o *logos* do *theós*, ou seja, é o estudo ou a pesquisa de uma realidade que existe por si mesma, independente da vontade humana, e que não é apreendido pelo conhecimento comum humano. Contudo, teologia pode ser compreendida de várias formas diferentes. No contexto cristão, não é o conhecimento de Deus ou da divindade, pois estes não pertencem ao concretamente observável, mas é a representação racional das interpretações religiosas; é o estudo dos conhecimentos obtidos e transmitidos por aqueles que dizem tê-los, assim como a relação desses conhecimentos com os homens.

A comunidade cristã (seguidora dos ensinamentos de Cristo) reúne-se institucionalmente nas igrejas. A teologia, embora buscando a interpretação racional desses ensinamentos, está mediatizada por essas instituições religiosas. Do incentivo aos seus estudos à transmissão dos resultados obtidos aos membros dos grupos religiosos, a teologia depende institucionalmente da religião. Portanto, o poder hermenêutico das informações obtidas daqueles que dizem poder fazê-lo sobre esse desconhecido, está de fato com a instituição religiosa, no nosso caso: a Igreja. Assim sendo, a teologia cristã é o estudo e a interpretação das experiências históricas acumuladas que culminam na vida de Cristo, relatadas ou não na Bíblia.

A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

O movimento chamado Teologia da Libertação surgiu como reação à teologia vigente. A teologia, a partir do século passado, tem feito tentativas de diálogo entre a Igreja e o mundo. Iniciou tal tentativa na Europa, havendo reflexos na América Latina, com seu rumo próprio. As desfavoráveis condições sociais, econômicas, políticas e culturais de grande parte da população Latino-Americana, faziam escancarar os olhos à necessidade de nova visão teológica para tais evidências contextuais, portanto, reais. Surgiu a busca do diálogo entre essa (e não outra) realidade das vidas dessas pessoas e a teologia que essas mesmas pessoas faziam. A Teologia da Libertação Latino-Americana significa, também, a libertação da teologia, daquela que oprime através de certas Igrejas em favor de alguns

"bem-aventurados". Assim sendo, nas palavras de Assman (1981a): "A Teologia da Libertação, não sendo uma corrente nascida das academias é uma caminhada da fé-ação junto ao povo pobre e que tem fé" (p. 71).

A fim de desenvolver e realizar suas potencialidades históricas, o ser humano precisa ser livre. Nunca seremos completamente livres, no sentido abstrato da palavra. O ser humano livre é consciente das possibilidades reais existentes e tem um tipo particular de percepção das relações sociais. Tem a capacidade de perceber, radicalizar, com rigor, a manifestação do problema e agir sabedor das implicações de suas respostas. Pode observar as relações sociais, ter conhecimento dos modelos existentes para a compreensão daquele problema que lhe assalta e pode agir no sentido de solucionar, dentro das possibilidades reais existentes, o problema gerador desse processo. Essa ação se efetiva no trabalho. Portanto, a conquista da liberdade humana está na consciência e no trabalho, ou conscientização e esforço. O ser humano pode tornar-se consciente, pode trabalhar pela sua liberdade nas relações sociais, constituindo ao mesmo tempo, fruto de seu trabalho, a sociedade libertadora.

A Teologia do Corpo, segmento da Teologia da Libertação, diverge da tradicional teologia do "espírito", ou desencarnada, que compreende o homem como sublime manifestação espiritual, apesar do corpo, ou de sua corporeidade. Procurando dialogar a respeito das evidências cristãs sobre o desconhecido experiencial de sentido último e a realidade aqui e agora, a Teologia da Libertação não pode travar tal debate com seres puramente espirituais. Assim, o ponto de partida para se analisar qualquer aspecto humano na sua concretude, deve e tem que ser tão somente na perspectiva corporal, enquanto corporeamente constituído.

A Teologia do Corpo ao buscar nova leitura da Bíblia, que trata da "história da salvação", começa em Gênesis com a criação, desenvolve-se historicamente no mundo concreto, terminando no Apocalipse: novo céu e nova terra, quando haverá a ressurreição dos corpos. Há muitos temas que poderemos tomar como evidências dessa nova leitura da Bíblia, a partir da compreensão do homem enquanto corporeamente constituído. Tomaremos apenas dois, como ilustração. Iniciaremos pela Teologia da Encarnação. Segundo esta teologia, a mensagem central da Bíblia é a encarnação de Deus em Jesus Cristo, seu filho. Dessa forma, Deus, espírito, fez-se carne. Só conhecemos a Deus porque ele se fez carne, corpo; caso contrário, teríamos apenas uma idéia abstrata de Deus. Portanto, conhecemos a Deus por meio de sua intervenção corporal na nossa existência histórica.

Outro exemplo que tomaremos será a Teologia da Ressurreição do Corpo de Cristo, relacionada ao corpo e, também, outra evidência na mensagem central do evangelho. Ressuscitado ao terceiro dia após a sua morte, Jesus venceu a batalha final. O desconhecido passou a ser conhecido. A morte foi vencida pela vida no corpo. Conclui-se que o centro do Evangelho, a razão e o significado da ressurreição de Cristo e sua importância para a Bíblia, enquanto revelação de Deus, está na mensagem principal de que o Espírito desceu dos céus, fazendo-se corpo e o corpo subiu, fazendo-se Deus, como se lê na antiga teologia dos primeiros séculos.

Concluindo esta parte neste ensaio, para nós, a Teologia da Libertação difere fundamentalmente das teologias tradicionais pela sua não dependência institucional direta das Igrejas. Está sujeita aos mesmos mecanismos institucionais de poder, evidentemente, como as demais instituições; entretanto, tal sujeição se deve aos seus próprios mecanismos e não aos das instituições religiosas, tornando-a mediadora de livre diálogo com as Igrejas, as teologias tradicionais e consigo mesma. E essa mediação parte de uma visão de ser humano corporalmente constituído; corpo: manifestação divina.

UM EXEMPLO: O CONCEITO DE CORPO

Neste momento, a partir da contribuição das Antropologias Filosófica e Bíblica, verificar-se-á como o conceito de corpo foi deturpado historicamente devido aos mecanismos de poder institucionais descritos anteriormente e como a Teologia da Libertação, através de uma de suas ramificações, a Teologia do Corpo, pode contribuir para aclarar tal conceito, fornecendo importante referencial teórico para o

estudioso que utilize o conceito de corpo como instrumental para suas pesquisas, quer na instituição Religiosa, quer na Educação Física. Para o profissional em Educação Física, especificamente, este instrumental conceitual será imprescindível no tratamento de questões relacionadas com a área de pesquisa teológica ou mesmo religiosa.

A teologia tradicional divide o ser humano, hierarquizando-o em favor do espírito e em detrimento do corpo. Segundo Maraschin (1985), tal divisão tem origem bastante antiga

A divisão do ser humano em corpo e alma vem da incapacidade neurótica de nos aceitarmos como somos, de certa esquizofrenia trazida do mundo antigo, das religiões desencarnadas e da filosofia dos gregos. Teria sido Plotino o responsável pela nefasta divisão? É provável que no plano da história mais recente, o neo-platonismo, com seu horror pela matéria, tenha se imiscuído na experiência cristã primitiva e tenha, ao lado do gnosticismo, estabelecido as trincheiras até hoje levantadas entre o corpo e a alma. É claro que podemos encontrar nos diálogos de Platão certos elementos capazes de fundamentar a noção de alma imortal em contraposição a corpo. Mas o desvio cristão não vem diretamente de Platão mas de Plotino (p. 197).

Apesar de tal herança alienadora do ser humano e seu corpo, na Bíblia essa ruptura não se justifica. Torna-se clara a questão hermenêutica, como se percebe em Westermann (1975): "Diz-se, assim, de uma vez para sempre, que segundo a Bíblia o homem tem de ser entendido de maneira unitária e conjunta, e não como um composto de diversas partes integrantes como corpo e alma, ou corpo, alma e espírito" (p. 31).

E ainda, segundo o mesmo autor: "Não cabe imputar à Bíblia, tratando-se do Antigo ou do Novo Testamento, uma concepção do homem que o considera dividido desde um princípio em dois elementos fundamentais, como queira que lhes chame" (p. 40).

Para compreendermos melhor a questão hermenêutica, chave que elucidará a distorção teológica histórica que relacionou o corpo às trevas, aos vícios, ao pecado, remontaremos à Roma antiga, com suas traduções dos textos hebraicos para o grego e o latim.

Muito embora o Império Romano, substitutivo do antigo esplendor do mundo grego tivesse as próprias características e se estendesse por todo o mundo conhecido da época, a língua falada nesse mundo era a grega, transmissora também dos resquícios do antigo pensamento dos filósofos do passado. Assim, os conceitos hebraicos adotados pelo cristianismo que veio logo a seguir, tinham que ser transmitidos, igualmente, por meio desse instrumental grego (pensamento e palavras). Tal fato, evidentemente, deve ser levado em conta quando passamos de um mundo para outro. A complexidade dessa situação tem gerado inúmeros problemas de hermenêutica até nossos dias.

Não obstante tais entraves à comunicação do pensamento hebraico no mundo ocidental, o Antigo Testamento fôra traduzido para o grego, sob idênticas influências às da produção do Novo Testamento. Relembremos que em Alexandria, no Egito, eram marcantes as influências platônicas e estoicas. Alexandria representava, segundo alguns autores, o maior centro comercial e intelectual do terceiro século de nossa era. Aí se encontravam a antiga cultura grega com as diversas filosofias que a caracterizavam, com as filosofias que delas resultaram, com suas religiões de mistérios, entre outros elementos, em confronto com as concepções religiosas do antigo Testamento e da pregação cristã incipiente ainda. O ambiente era propício para o sincretismo. As escrituras judaicas foram traduzidas para o grego em Alexandria, numa versão conhecida pelo nome de Septuaginta.

Interessa-nos, agora, examinar, embora brevemente, a maneira como o Antigo Testamento, em terreno judaico puro e não sincrético, como o de Alexandria, entendia o conceito de corpo humano para, mais adiante, tentar confrontar essa antropologia com a sua deformação em certa tradição cristã de influência helênica.

No estudo antropológico do Antigo Testamento chamamos a atenção de alguns termos básicos para esse ensaio. O primeiro deles é *Nêfesh*, que significa, basicamente, garganta. Quer descrever um homem incompleto, necessitado, que busca, portanto, a satisfação por meio de ação. Corresponde mais propriamente ao que entendemos hoje por vida, nas diversas acepções do termo. O termo relaciona-se com certos aspectos corporais da vida, como a respiração e o sopro. É, pois, um termo básico. Às vezes, a palavra *Nêfesh* tem sido traduzida por "alma", o que significa, naturalmente, uma interpretação já helenizada de seu significado original. A outra palavra hebraica que nos interessa é *Basar*. Refere-se à

carne humana e animal. É o visível no homem. Através de *Basar* compreende-se o ser humano como fraco em sua vida mortal e, igualmente, quanto à fidelidade e à obediência perante o desejo divino. O termo *Ruah* significa vento, associado à respiração humana. É o ar que dá a vida. Esse ar dá consistência ao *Nêfesh*. Refere-se também à ação de Deus. Encontramos também a palavra *Leb(ab)* que se traduz, em geral, por coração. O pensamento judaico do Antigo Testamento concebe o coração como o centro da vida, onde também ocorrem o pensamento e os sentimentos do corpo. É necessário ressaltar que, ao mesmo tempo em que se tem a idéia das partes do homem, representando o todo, ou seja, a pessoa inteira, a noção do homem enquanto unidade ou conjunto de partes não isoladas, está sempre presente. O *Nêfesh* relaciona-se com a ação do Homem; *Basar* é o corpo humano; *Ruah* é o fôlego da vida e *Leb*, a razão e as emoções. São todos os aspectos determinados que buscam situar o ser humano nos objetivos que promovem tais atitudes. Quando se evidencia o fazer, temos o *Basar*; quando o sentir, o *Leb*; o viver, o *Nêfesh*, e quando temos a vida no seu aspecto de força interior, o termo empregado é *Ruah*. Mas, na verdade, todos esses termos referem-se ao ser humano: corpóreo e indivisível.

O Novo Testamento difere do Antigo em certos aspectos no que concerne à antropologia. A rigor, não existe no Novo Testamento o que modernamente se conhece por antropologia. O homem, aí, só se interessa na medida em que se relaciona com Deus. Entretanto, há certos momentos na literatura do Novo Testamento que demonstram a existência de elementos importantes para a nossa compreensão do que seria o ser humano nesse contexto. Dos escritores do Novo Testamento, Paulo é o que mais de perto nos interessa, pois sua cristologia é fundamentalmente antropológica.

Nascido em Tarso, cidade conhecida culturalmente pelo desenvolvimento de estudos filosóficos fundamentados no estoicismo e no platonismo (assim como Alexandria), recebeu educação judaica, de seus pais, tornando-se escriba sob a orientação de Gamaliel e adepto do farisaísmo. Os elementos do pensamento hebraico sempre o acompanharam e suas cartas bem o evidenciam, muito embora tenham sido escritas em grego. Os conceitos originalmente hebraicos, no entanto, perderam muito de sua riqueza nessa transcrição grega. Quando Paulo, por exemplo, fala em *Sarx*, referia-se ao ser humano enquanto ser perecível, finito e carnal. Tratava-se de algo inerente ao ser humano. O pensamento grego, no entanto, ao reler essa teologia paulina, não conseguia entender o conceito *Sarx* a partir dessa profunda concepção hebraica. Assim, achava que se tratava da carne do homem e não da carne no homem.

A seguir apresentamos alguns conceitos antropológicos fundamentais do Antigo Testamento, já tratados aqui, com seus respectivos termos correspondentes em grego e em português.

HEBRAICO	GREGO	PORTUGUÊS
<i>Basar</i>	<i>Sarx/Soma</i>	Carne/Corpo
<i>Ruah</i>	<i>Pneuma</i>	Espírito
<i>Nêfesh</i>	<i>Psiquê</i>	Mente, Vida (alma)

Para se recuperar hermeneuticamente as escrituras é necessário que sua releitura se faça a partir do pensamento hebraico. Dessa forma é que foi escrito o Novo Testamento e traduzido o Antigo.

Portanto, a partir desse estudo hermenêutico da Bíblia sobre a compreensão do homem enquanto unidade, totalidade, apesar da idéia que temos de partes isoladas, podemos dizer que essa totalidade fundamenta-se no fato da corporeidade humana e não em qualquer outro atributo que se

deseje dar ao Homem. Na corporeidade está o ser humano. Toda e qualquer idéia de partes é pura projeção. O espírito, a mente, a alma, a carne, as emoções e tantas outras denominações, são nomes dados a aspectos particulares, decorrentes de operações humanas. Homem e corpo também são palavras criadas para identificar algo. Este Homem é, antes de mais nada, corpo, corporeamente constituído, com capacidade dentre outras, de transcender sua corporeidade.

CONCLUSÃO

É reconhecida, desde há muito, a necessidade do ser humano de movimentar-se. A instituição Educação Física surgiu com o objetivo de satisfazer essa necessidade, organizando sistematicamente tais movimentos de maneira a melhor atender ao Homem em seu processo individual e social de desenvolvimento.

Entretanto, certos tipos de pessoas e sociedades parecem ter tomado as rédeas da história, cabendo ao indivíduo assistir atônito essa peça onde está sendo mostrada, de maneira dramática, a sua própria destruição, alienação. Precisamos reverter o processo e tomar conta da história. Por que tanto hesitamos em começar a tarefa? Porque os interesses particulares de pessoas, grupos, instituições, Estados, países e continentes têm estado acima dos interesses da humanidade como um todo. Porque, individualmente, ainda não nos acorçamos para a realidade planetária e não nos mobilizamos numa ação efetiva para tal fim.

Duas mudanças fundamentais parecem necessárias: a transformação dos indivíduos a fim de que participem de maneira mais construtiva na comunidade, e a transformação da sociedade, para que se torne o lugar da humanidade por excelência. Não importa insistir no que deverá acontecer em primeiro lugar. O processo individual e social de desenvolvimento caminha paralelamente a essa transformação. O ser humano real e concreto somente se apropriará de seu processo individual e social de desenvolvimento se tiver liberdade para fazê-lo. O ser humano livre é aquele que, tendo conhecimento dos modelos existentes para a compreensão de certo problema, age no sentido de solucionar, dentro das possibilidades existentes, o problema gerador do processo.

A necessidade de movimentar-se é um problema para o ser humano. Precisa ser solucionado. A Educação Física somente conseguirá cumprir sua função de organizar sistematicamente esses movimentos se for livre da dominação dos mecanismos institucionais de poder, permitindo o acesso de pessoas livres, libertadoras, com a intenção da mais plena realização do ser humano. A esta Educação Física (e não outra) chamamos de Educação Física Libertadora, resultado da contribuição da Teologia da Libertação à Educação Física.

É claro que a Educação Física não vive por si mesma, mas num contexto cultural, onde a Teologia da Libertação desenvolve a reflexão voltada para a transformação da sociedade. A Educação Física não pode pretender ser "religiosa" nem "teológica". Não é isto que propomos. Ela só pode ser verdadeira se for verdadeiramente humana. Mas, por outro lado, as pessoas que trabalham com os movimentos estudados pela Educação Física pensam, amam, carregam preocupações de natureza filosófica, religiosa, dentre tantas outras, em suas consciências, e sofrem e/ou causam opressões de/em nossa sociedade. Essas pessoas buscam, certamente, nas práticas ou nas reflexões dos/sobre os movimentos da Educação Física elementos que possam ajudar a viver com mais profundidade e plenitude a vida humana. Ela não pode ser, jamais, uma instituição autoritária. É neste ponto que vemos com maior clareza a relação da Educação Física com a Teologia da Libertação e, mais precisamente, com a teologia do corpo. Ela quer, como qualquer outra área do conhecimento humano comprometida com a verdade, a re-ligação do ser humano consigo mesmo, a partir de sua corporeidade para chegar a se unir com a sociedade e, afinal, com a natureza. A teologia do corpo pode ser valioso instrumental nessa busca.

ABSTRACT
**LIBERATING PHYSICAL EDUCATION:
CONTRIBUTIONS OF THE THEOLOGY OF LIBERTATION**

The concerning about the ultimate sense of human being have existed in our history for a long time ago. Traditional teologies have been associated such concerning with people alienation at their own realities. The movement called Theology of Libertation arose as a reaction to those standing teologies, which believe that it will be only possible to develop and achieve the historical human potencialities, if human being be unrestrained to have conscious of its own real possibilities and to make an effort to realize them, within a free and active society. The Theology of the body, part of the Theology of Libertation, dissents from the traditional Theology of Spirit, or "disembodied", which sees a man as a sublime spiritual manifestation, though human body or corporeal sense. Thus, Physical Education only will be able to execute its function of organizing the human movements if, as an institution, it be free and permit free people, whose intention is the fullest realization of human being. The liberating Physical Education, the purpose of this work, is to help the theoric vocational guidance in Physical Education also has concerning, theological or with the Ultimate Existence, in a liberating pespective.

UNITERMS: Religion; Theology of libertation; Physical education.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. *Creio na ressurreição do corpo*. Rio de Janeiro, CEDI/ Tempo e Presença, 1982a.
- _____. *Fé cristã e ideologia: sobre o absoluto e o provisório*. São Paulo, Editora da UNIMEP/Impressora Metodista, 1981.
- _____. *Filosofia da ciência*. 6.ed. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- _____. *O que é religião*. 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos).
- _____. *Ópio, o instrumento de liberación?*. Montevideo, Biblioteca Mayor, s.d.
- _____. *Reconciliacion y mundo nuevo: três paradigmas de la doctrina de la reconciliacion*. Buenos Aires, Tierra Nueva, 1981.
- _____. *Variações sobre a vida e a morte*. São Paulo, Edições Paulinas, 1982b.
- ASSMAN, H. *A Teologia da Libertação faz o caminho ao andar*. *Revista Fé Cristã e Ideologia*, 1981a.
- _____. *A Teologia da Libertação se opõe aos ídolos da opressão*. *Revista Fé Cristã e Ideologia*, 1981b.
- BOLTANSKI, L. *As classes sociais e o corpo*. 2.ed. Brasil, Graal, 1984.
- BRANDÃO, C.R. *O que é educação*. 8.ed. São Paulo, Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).
- BROOKS, G.A. *Perspectives on the academic discipline of physical education*. Champaign, Ill., Human Kinetics, 1982.
- BUNGE, M. *Ciência e desenvolvimento*. Belo Horizonte, Itatiaia/EDUSP, 1980.
- CASSIRER, E. *Antropologia filosófica*. 2.ed. São Paulo, Mestre Jou, 1977.
- CATÃO, F. *O que é Teologia da Libertação*. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos).
- CHAUÍ, M. *O que é ideologia*. 12.ed. São Paulo, Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos).
- CUNHA, M.S.V. *Ciência da motricidade humana (uma investigação epistemológica)*. Rio de Janeiro, Palestra, 1985. (Coleção Ciência da Educação Física e Desportos, 1).
- DUSSEL, H.D. *Caminhos de libertação latino-americana*. São Paulo, Edições Paulinas, 1984. v.3.
- FERREIRA, A.B.H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. 15.impr. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d.

- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade (e outros escritos)**. 7.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. 16.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- _____. **Educação e mudança**. 11.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- FROMM, E. **A arte de amar**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1985.
- _____. **Análise do homem**. 13.ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1983.
- _____. **Do amor à vida**. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- _____. **Meu encontro com Marx e Freud**. 7.ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.
- _____. **O coração do homem**. 6.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981a.
- _____. **O dogma de Cristo**. 5.ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.
- _____. **O espírito de liberdade**. 4.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981b.
- _____. **O medo à liberdade**. 14.ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1983.
- GUTIERREZ, G. **Panorama de la teología latino-americana - I**. Salamanca, Sígueme, 1975.
- _____. **Teología de la Liberación**. Lima, Perspectivas, 1971.
- HEIDEGGER, M. **Introdução à metafísica**. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1966.
- HUIZINGA, J. **Homo-ludens**. Boston, Beacon Press, 1950.
- LIMA, J.Jr. **Caminhando para a libertação - re-flexões do corpo oprimido**. Piracicaba, IMS, 1984.
- LIMA, S.C.F. **O corpo significa**. São Paulo, EDART, 1976.
- MANHEIM, K. **Ideologia e utopia: introdução à sociologia do conhecimento**. Porto Alegre, Globo, 1950.
- MANOEL, E.J. **Movimento humano: considerações acerca do objeto de estudo da Educação Física**. *Boletim FIEP*, v.56, n.1, p.33-9, 1986.
- MARASCHIN, J.C. **Comunicação e teologia na América-Latina**. São Bernardo do Campo, Imprensa Metodista, 1986.
- _____. **Conversão e corpo**. *Estudos de Religião*, n.4, p.67-83, 1986.
- _____. **Fé cristã e corpo**. *Ciências da Religião*, n.5, p.57-66, 1986.
- _____. **Fragmentos das harmonias e das dissonâncias do corpo**. *Estudos de Religião*, n.1, p.193-213, 1985.
- _____. **O simbólico e o cotidiano**. *Religiosidade popular e misticismo no Brasil*. *Revista Ciências da Religião*, n.2, p.121-44, 1984.
- _____. **Os corpos do povo pobre**. *Teologia do povo*. *Estudos de Religião*, n.3, p.27-40, 1986.
- MOLTMANN, J. **Sobre la libertad, la alegría y el juego, los primeros libertos de la creación**. Salamanca, Sígueme, 1972. (Estudios Sígueme, 2).
- OLIVEIRA, J.G.M. **O que é educação física: programa de treinamento de professores**. Goiânia, Prefeitura Municipal, 1985. (Apostila).
- ROBINSON, J.A.T. **The body, a study in pauline theology**. London, SCM Press, 1961.
- SANTIN, S. **Educação física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí, RS., Ed. Inijuí, 1987.
- SEGUNDO, J.L. **Libertação da teologia**. São Paulo, Edições Loyola, 1978.
- SÉRGIO, M. **Filosofia das actividades corporais**. Lisboa, Editorial Compendium, s.d.
- TILLICH, P. **Teologia Sistemática**. São Paulo, Edições Paulinas/Edições Sinodal. 3v.
- VIANA, M.G. **La humanización y deshumanización del hombre por la educación física**. Lisboa, Instituto Nacional de Educação Física, s.d.
- WESTERMANN, C. **El cuerpo y la salvación**. Salamanca, Edições Sígueme, 1975.
- WOLFF, H.W. **Antropologia do antigo testamento**. São Paulo, Edições Loyola, 1975.

Recebido para publicação em: 27/01/92

ENDEREÇO: Ary de Camargo Segui
Rua das Seringueiras, 263, ap.173
04321-070 São Paulo - SP - BRASIL